

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
Editor—Carlos Maria Coelho



FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.484

Quarta-feira, 26 de Setembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada do Combro, 38-A, 2.º e Lisboa — PORTUGAL  
TELEFONE—5339-C  
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

O ministro da Agricultura, engendrando decretos de intuitos suspeitos, apostou lançar a população indefesa nas garras dos ladrões do comércio, da indústria e da agricultura



## ZEROS

A missão dum jornal de grande circulação, como o *Diário de Notícias*, numa sociedade onde os mesquinhos interesses de particulares, não se sobrepõem aos interesses gerais da população, seria sublime. Presentemente, os grandes jornais, longe de exercer uma acção que se pudesse classificar de bela e de sublime, a despeito dos seus grandes recursos, servem apenas para estabelecer o confusão entre o povo, a desordem nos espíritos. E o mais curioso é que são precisamente esses grandes periódicos que acusam constantemente a *Batalha*, cujos recursos materiais são quase nulos, cujo pessoal de redacção é reduzidíssimo e sem doutores, sem simpatias científicas, de estabelecer a desordem por progar a harmonia duma sociedade nova, da estabelecer a confusão por colocar sempre as cousas nos respectivos lugares.

Há no *Diário de Notícias* uma pessoa de destaque no nosso meio intelectual, de aspirações tão vastas que talvez cheguem a Paris, que, de viseira carregada se permite, em prosa d'água mas vistosa, a liberdade de tomar entre nós o papel de orientador dizendo asneiras e ditando sentenças. Não queremos dizer publicamente o nome da pessoa de quem falamos, porque ela, ou por prudência ou por incompreensível modestia em quem sinal de modestia não apresenta, deixa sempre os seus artigos, no mais mudo anonimato.

Não há muitos dias, num editorial repellido, essa pessoa arrojou-se a soar o Prímo de Rivera não pelo que ele tem de mais odioso e inaceitável, mas pelas hipóteses incoerências que de facto não existiam porque, afinal, o Prímo a que ele se referia era tio... do Prímo que governa agora.

Ontem no mesmo *Diário de Notícias*, o mesmo «erudit» articulista, num facto de prosa bizarramente intitulada pela palavra «Se...» com reticências e tudo, depois de entreter o leitor com uma sucessão de frases sem significação definida, concluiu—porque um artigo deve ter sempre uma conclusão—que a fórmula era uma só: «salvar a ordem dentro da ordem».

Esta conclusão que, não chegando a ser um paradoxo também é um pensamento de gente, tem para nós que, sem vaidade, conhecemos a psicologia humana, e mormente a dos eretinos, uma significação clara, quer dizer alguma cousa—alguma cousa que o ilustre jornalista (talvez por não ter recorrido à poderosa ajuda dum púlpito...) não soube expressar em linguagem articulada. Quer dizer que é necessário manter este paraíso democrático em que vivemos, este paraíso onde políticos insaciáveis, os arrivistas que sobem a directores de jornais, a embaixadores ou a altos comissários, comem de braço dado com os altos financeiros, comerciantes rotundos e vigaristas encasacados. Quer dizer que lhe desagrada, o que vai por Espanha porque só com os militares e não há lugar para paisanos políticos (por enquanto). Quer dizer que a sociedade deve defender-se do operariado que ameaça fazer táboa-raza do privilégio, não permitindo que os zeros enfeitados que se atrevem a escrever asneiras nos jornais de maior circulação, se enfeitem com penas de pavão perante um público ingénuo e ignorante.

**Grande Comissão Pró-«A Batalha»**  
Reúnte esta comissão, apreciando o expediente, entre o qual um ofício do Vitória Futebol Club de Setúbal. Foi resolvido dar o mais rapidamente possível uma resposta definitiva a esse club, oficiando já nesse sentido a um dos melhores grupos de Lisboa.

**A TERRA TREME!**  
REHERAN, 25.—Ficaram destruídas várias aldeias na provincia de Khorasan devido a um violento tremor de terra, tendo morrido 123 pessoas e tendo ficado algumas centenas de pessoas gravemente feridas.

## O QUE SE DIZ LÁ FORA

### O golpe de Estado de Espanha

#### O declínio do Parlamentarismo

Quando um regime político atinge o seu apogeu, um dos seus caracteres é o de se expandir até nos países para os quais não foi criado, nos países cuja situação económica não corresponde de modo algum a um tal regime. Inversamente, quando esse regime começa a declinar, são os países que o adoptaram somente por espírito de imitação os primeiros a abandoná-lo.

E o que nós vemos produzir-se actualmente no parlamentarismo, expressão política da ordem social burguesa. O parlamentarismo brotou do desenvolvimento desse capitalismo médio dos comerciantes e industriais que foi a característica da Inglaterra e da França durante os últimos séculos.

Os sucessos que obtiveram a economia e a política da França e da Inglaterra no decorrer do século XIX levaram os outros países da Europa e da América a adoptar as mesmas formas políticas da França e da Inglaterra, na ideia quimérica de que a prosperidade dum país depende do seu regime político, e de que bastava copiar o parlamentarismo franco-ingles para ter um comércio tão florescente como o da Grã-Bretanha ou uma produção tão equilibrada como a da França.

Viu-se então os países mais ou menos desprovidos da burguesia adoptar a forma política tipo da dominação burguesa. Países onde o comerciante e o industrial capitalista desempenhavam um papel económico insignificante, países onde o proprietário de bens de raiz mais ou menos feudal gozava um indiscutível predomínio, começaram a adoptar o regime do «eleitor do mundo» e o do país onde os camponeses tinham queimado os castelos e enforcado os senhores. Tal era, há cinquenta anos, a força irradiante da burguesia capitalista ocidental.

Mas, hoje que esta evidência cada vez mais a sua decadência pelo abandono simultâneo das suas formas económicas e dos seus princípios políticos, a sua grande criação política, o parlamentarismo, perde o seu prestigio. Esta perda de prestigio traduz-se pela supressão do

parlamentarismo, em primeiro lugar nos que o tinham adoptado somente para viverem à maneira de Paris ou de Londres, e onde, desprovido de raízes económicas, não ióra mais do que uma caricatura. Num ano, a Itália, a Bulgária e a Espanha substituíram pela ditadura militar o parlamentarismo.

\*\*\*

Se havia países onde o regime parlamentar não era nem podia ser senão uma fachada, a Espanha era precisamente um deles.

A economia espanhola tem duas bases: a agricultura e a indústria mineira.

Num país árido como a Espanha, uma agricultura produtiva exigiria grandes capitais. Estes, porém, não se encontram nesse país; assim, a agricultura deu unicamente lugar, duma parte, a uma classe de trabalhadores agrícolas famélicos e, d'outra parte, a uma classe de grandes proprietários feudais, fanáticos e ignorantes que se contentam em esbulhar até ao limite extremo os seus rendeiros, sem conservar um real nem um momento de atenção ao aperfeiçoamento dos processos de exploração.

Quanto à riqueza considerável que representam as minas metálicas da Espanha, as classes dirigentes desse país mostram-se completamente incapazes de as explorar, pelo que tiveram de passá-las ao capitalismo estrangeiro. Tanto o ferro de Bilbao como o cobre de Huelva ou os ricos filões de chumbo que se encontram disseminados pela Espanha, tudo reverteu a favor dos capitalistas estrangeiros ingleses, visto os proprietários espanhóis se contentarem em auferir uma renda de parte da exploração estrangeira.

Além disto, uma «burguesia» de incapazes, desprovida de todo o papel económico, esperando a sua manutenção da largueza do Estado. E a essa falsa burguesia que pertencem os inúmeros burocratas em função, e os não menos inúmeros «intelectuais» em disponibilidade, que esperam nos cafés

das Puertas del Sol que o «seu partido» atinja o poder para varrer os funcionários do «partido» adverso e instalá-los no seu lugar. E a essa mesma burguesia burocrática que pertencem os inúmeros oficiais do exército; é a ela igualmente que pertence a burocracia da Igreja, a *troupe* não menos inúmera de padres e de frades.

Unicamente, uma região difere. Na Catalunha existe uma verdadeira burguesia, provida dum papel económico, formada de industriais e de comerciantes capitalistas, mas, a Catalunha, próxima da França e longe de Espanha, não pretende lançar-se num movimento nacional; pelo contrário: ela encerra-se em si própria, tendo por objectivo a autonomia regional e nunca tornar Barcelona a capital de Espanha.

Em tais condições, o parlamentarismo existiu somente no nome. As eleições eram uma paródia e oficialmente deturpada maneira a fornecer uma maioria suficiente para o ministério que as fazia, qualquer que fosse. De facto, o poder era exercido por uma ou outra das suas *colerías* de políticos e funcionários que constituíam o partido liberal e o partido conservador e que passavam alternadamente pelo poder com todas as vantagens materiais que este comporta, quando uma estava suficientemente repleta e a outra demasiado esfomeada.

O golpe de Estado do general Primo de Rivera tem por objectivo e terá como resultado a participação dum *terceira coleria*, a dos oficiais, nos lucros do poder. O acontecimento não teria em si nada de importante; não teria maior significação do que uma qualquer mudança de ministério se, pelo abandono das «formas» constitucionais e parlamentares que o caracterizaram, não revelasse, uma vez mais, o desprazo que ora tem os povos pelo regime outoráta sem religiosamente reverência por todos, o regime da burguesia capitalista da França e da Inglaterra.

R. LOUZOU.

(Da Vie Ouvrière)

## A execução dos condenados de Tarrasa

Rivera já degola os pobre-diabos, enquanto os grandes vão escapando... — Descrição nítida duma barbaridade

BARCELONA, 24.—Os protagonistas do assalto de Tarrasa que foram condenados à morte, conforme o telegrafo para af devia ter comunicado, já não vivem. Apenas um deles, Joaquim Marco, que os outros reus afirmaram estar inocente, não foi executado, e ao que parece vai conceder-lhe o indulto. Os outros Pascual Aguirre e José Saletta foram guilhotinados.

A's seis da manhã de ontem a fatal sentença de morte—a pena de morte contra a qual o povo nobremente se tem rebelado—foi cumprida. No pátio central da prisão levantava-se o cadafalso onde as duas vítimas encontraram o seu último momento.

**A última noite dos condenados — Antes da execução**

Para os portugueses já desabitados há tantos anos das bárbaras condenações que em Espanha são o pão nosso de cada dia, não deixará de ser curioso o pormenorizar-se estas cenas horripilantes, que produzem nos corações justos emoções nobres, palpitações de justiça.

O processado José Saletta passou a noite de sábado para domingo sentado aos pés da cama. Mostrava-se loquaz e e opoz-se tenazmente a qualquer assistência espiritual. Pascual Aguirre, o outro sentenciado, dormiu com tranquilidade durante quatro horas seguidas e o resto da noite passou a despertar. Negou-se terminantemente a manter conversação e muito menos a escutar os pedidos que lhe faziam para preparar-se para bem morrer.

Ambos os reus se negaram com feno-

cidade a receber os auxílios espirituais. José Saletta discutiu por alguns momentos com os padres acerca da religião. Aconselharam-no a que se despedisse de sua mãe, e respondeu:

—Não a tenho; perdi-a em 1913. Ceou opiaramente, bebendo depois dois copos de cognac; toda a noite passou fumando. Ditou duas cartas ao padre Creixer, uma para sua irmã e outra para seu pai, que vivem em Tarrasa.

Numa das vezes que o padre Vivas, jesuíta, penetrou na capela, Saletta exclamou:

—Se vem para convencer-me, perde o seu tempo.

—Não venho para convencer-te—respondeu o padre—porque do que te devias convencer já estás.

Quasi à hora da execução Saletta mandou chamar o capitão da Guarda Civil e fê-lo depositário das duas cartas.

**Os últimos momentos**  
Pascual Aguirre comen pouco e depois de dormir profundamente durante quatro horas, como acima referimos, passou o tempo deitado na cama, opondo-se a que o incomodassem. Como o padre Creixer insistisse pela confissão, Aguirre exclamou:

—Não!

Disse a missa dos reus, a qual estes não assistiram, o padre Rodriguez. Chegada a hora da execução, o juiz sr. Perez de Galvez dirigiu-se ao processado Aguirre e disse-lhe:

—Sou a hora.

O reu levantou-se, dizendo:

—Bem, quando queiram, estou pronto. Com grande energia dirigiu-se para o patíbulo, acompanhado pelo juiz, um

padre e dois soldados com a baioneta calada (a trindade sinistra: o juiz, o padre e o militar). Aguirre, com um sorriso extraordinário subiu os degraus a dois e dois. Raras vezes um homem caminha para a morte com tanta serenidade! Depois desabotoou a camisa, sentou-se, fêz próprio se agitou e... aos cinco horas e trinta e oito minutos era executado.

Em seguida veio Saletta. Ia acabrunhado e embora quizesse dar mostras de grande serenidade, notava-se-lhe um ligeiro tremor. Como o seu companheiro fêz próprio se preparou para a morte. Foi executado às seis horas e três minutos.

A essa hora no mastro do edifício tremulava um farrapo sinistro, a bandeira negra, fútil, que anunciava que a sentença bárbara havia sido cumprida.

J. PUENTES

#### PELO TELEGAFO

##### Perseguição ao jógo

Comunicam de Barcelona que o governador ordenou o encerramento de mais sete music-halls onde se jogava, tendo imposto multas a vários casinos por infracção às leis.

—Sob a 40 o número de alcaides se demitiram até agora.

**O regabote**  
MADRID, 25.—O general Primo de Rivera ordenou o regresso à Península de muitos comissionados no estrangeiro, suspendendo-lhes as mensalidades a partir do próximo mês.

**As perseguições da policia**  
José Filipe, que foi já transferido para o governo civil, continua incomunicável, não tendo sido ainda atendido o seu pedido de hospitalização, embora se encontre muito doente.

Segundo publicaram alguns jornais, o motivo da sua prisão foi o de andar ameaçando de morte várias entidades da policia, acusação porva que não tem outro fim que não seja o de comestear a fúria de perseguir de que está possuída a mesma policia.

O *Século*, sempre no intuito de bem informar os seus leitores, depois de lhe chamar conhecido agitador, coisa de que ninguém até agora deu fé, diz ser ele «irmão de Arsenio José Filipe, que há tempos se encontra preso por ter morto do cemitério de Prazeres o sr. Adolfo Viana, gerente da Companhia União Fabril».

José Filipe é na verdade irmão de Arsenio, mas tudo o mais que transcrevemos do *Século* não passa duma refutação mentirosa.

Arsenio José Filipe está preso por um motivo muito diverso, nada tendo com a morte do gerente da U. F.

#### Pró-presos por questões sociais

##### Comissão Central

Reúne hoje, pelas 21 horas, esta Comissão, para tratar dum assunto que se relaciona com a situação dos camponeses presos, e apreciar um relatório do Limoeiro.

## MAIS UM ASSALTO!

O ministro da Agricultura depois de favorecer as «forças-vivas» com o célebre decreto do pão, com o da livre exportação de géneros mete o país nas mãos dos ladrões

### A obra do sr. Joaquim Ribeiro é a obra de um vendido!

A política do actual ministro da agricultura, tem o mérito—porque não dizê-lo?—de ser clara, transparente como a água limpa dos regatos. Depois do decreto do pão, um novo decreto que permite a livre exportação dos géneros alimentícios. E a guerra declarada ao consumidor, através de tudo e contra tudo.

O decreto sobre o pão estabelece:

1.—Um preço ao trigo muito superior ao preço médio do mesmo cereal nos mercados externos.

2.—A obrigação do consumo do trigo de produção nacional, libertando-o de toda a concorrência.

3.—A liberdade para a moagem e panificação da criação de tipos de pão com conteúdo no milho e absoluta liberdade de preços.

4.—Protecção à moagem pelo financiamento nas aquisições de trigo e instituição do *Draw-back* para a exportação dos derivados como massas, bolachas, etc.

5.—O direito para o Estado de aproveitar todas as baixas de preço nos mercados externos, arrecadando ele a diferença entre esse preço nos mercados externos e o preço fixado para o trigo nacional.

A lavoura, a moagem, a panificação e o Estado, este Estado republicano feito pelo povo e para o povo, toda a compila redobram os seus ataques ao esquadrão bôlo consumidor.

Mas era ainda pouco—pensou o ministro. E, num gesto de suprema concentração, o indicador da dextra fincou na testa rugosa e morena balbuciou: «Vejam o que isto dá. Experimentem a paciência deste povo!»

E lançando mão da pena, na atitude ciliópica dum Bismarck ou dum Napoleão, o olhar iluminado por um claro de génio, decretou. E o decreto deu isto:

Livre exportação de: Alfarroba, adubos, superfosfatos, azeite de oliveira, aves, comestíveis, banha de porco, batata, chouriço, carnes fumadas, salgadinas e prensadas, carvão vegetal, castanhas, cebolas, lenha e cãpa, legumes secos, leguminosas, etc., etc.

Se antes da existência deste decreto já pagávamos o azeite a 6800 o litro, o

feijão a 2\$40, as batatas a \$70, o chouriço a 20\$00 e o carvão vegetal não aparece, o que será amanhã?

O ministro estabeleceu o seguinte raciocínio:

—O nosso mal financeiro e económico filia-se numa deficiência de produção. Facilitemos a produção, não lhe pondo qualquer estorvo directo ou indirecto de preço. Nós somos um país de moeda desvalorizada, não faltará por isso os compradores. E o resultado será a entrada de ouro no país e consequentemente o melhoramento da divisa cambial e consequentemente ainda um abaixamento geral de preços.

E acto contínuo dobrou o decreto e meteu-o na pasta, estirando as pernas e atirando os braços ao ar num gesto de ampla e radiosa satisfação.

Mas olha Ribeiro — bradou uma voz cavernosa que parecia sair das profundezas da sua gigantesca secretária — e os direitos do consumidor?

—Os direitos do consumidor — replica o ministro num gesto de enfado — o consumidor... o consumidor que se governe...

E, levantando-se, começou a passear no gabinete em largas passadas que faziam gemer o sobrado.

E a voz soturna proseguiu:

—Não é prudente desprezar os interesses do Povo. Vê lá o Rivera! Ele pôde jogar facilmente a democracia em crise, em plena falência. Mas essa força se desesperadamente por conseguir um abaixamento de preços. Não conseguirá, talvez, pela violência, mas, enfim, faz um esforço. E depois, o teu programa tem tanto de quimérico como o de Rivera. Ora vê! A política de protecção à lavoura iniciada em 1899 não conseguiu que se arroteassem mais de 340.000 hectares para culturas cerealiíferas. O resultado foi ter de recorrer-se sempre às importações do estrangeiro.

—Quem te garante ali agora que o outro obtido com a liberdade de exportação não vá engrossar os depósitos de portugueses nos bancos estrangeiros, mantendo-se no mercado interno a mesma penúria cambial e por consequência o agravamento das dividas? E não é esse só o teu erro. Tu permites a exportação livre do azeite. Ora bem,

Nós temos uma produção média anual calculada em 35 milhões de litros. Como a capitação de consumo por habitante e por ano é 10,5 litros, são necessários para o consumo individual, contando no continente 5.500.000 habitantes, nada menos de 57.750.000 de azeite.

—Há, pois, e sempre necessidade de importar; isto é, de arranjar ouro para comprar no mercado externo. E ouve, Joaquim, não falamos ainda na indústria de conservas que consome hoje prodigiosas quantidades de azeite. E o que dizemos em referência ao azeite repetir-se-á há as outras.

—E acto contínuo dobrou o decreto e meteu-o na pasta, estirando as pernas e atirando os braços ao ar num gesto de ampla e radiosa satisfação.

—Está bem! — boceja o ministro. —Para os abusos lá está o Commissário dos Abastecimentos!

—Oh! filho! — replicou num tom agora adocicado a voz misteriosa. — Isso é uma ficção. Depois da promulgação dos teus decretos. O decreto n.º 7.207, que reformou o Commissariado, diz no seu n.º 5.º: «Ao Commissariado dos Abastecimentos compete tomar as medidas exigidas pelas circunstâncias de momento tendentes a prevenir ou a remediar o agravamento da crise das subsistências.» E como queres tu, Joaquim, que ele tome essas medidas sendo permitida a exportação dos géneros? Tu estás a brincar com a gente, Joaquim!

—Seja! — bradou o alentado lavrador de Tomar, evidentemente contrariado com o importuno misterioso que se comprazia em amontoar manchas negras na sua obra luminosa.

E, maquinamente, dirigiu os seus passos para a janela que debruça sobre a rua, na ansia de respirar o ar forte e vigorizador que soprava das bandas do Tejo.

—Mas assimou a cabeça no respirador e deparou-se-lhe um espectáculo estranho e macabro.

—Do candieiros que enfileiravam na rua, como soldados hirtos, pendiam corpos humanos, adiposos e lustrosos como suínos. Em baixo, a multidão ululava: — Justiça! Justiça!

## NOTAS & COMENTARIOS

### Feroz e cínico

Receber *O Mundo* duas cartas de presos, ou, uma carta de dois dos presos de S. Julião da Barra. Pelo resumo hábil do jornal que as recebeu, essas cartas, apresentam em síntese, as razões e as queixas, já aqui, e por várias vezes formuladas. Concorda *O Mundo* com essas razões e entende que os presos devem receber dos carcereiros um mais humanitário trato. Não por eles, mas pelo amparo moral de que a sociedade tanto carece. E' curioso e revoltante. Todas as ideias de justiça e humanidade, todas as inclemências, todos os sofrimentos, não tem importância pelos indivíduos que os sofrem. E' que a sociedade sofre mais com isso. Não nos lembra de ter lido impresso nada tam ferozmente reacção nem tam atrevidamente cínico.

### Até os elefantes...

Há bichos que abusam estúpida e cruelmente da força. Exemplo: os políticos. Em troca, bichos existem que tal não cometem. Exemplo: o elefante do Jardim Zoológico. Pois anteontem o simpático Ipana teve um momento de irritação, erguendo ao ar, por meio da tromba, o seu cornaca, que caiu jorrandos sangue de algumas escoriações. O Ipana, para a sua cólera tem uma certa justificação, pois o público adotou o péssimo hábito de enganar, dando-lhe por cédulas, pedacinhos de papel sem valor. Deifraudado, o elefante, vingou-se. Haverá alguém ainda mais elefante do que o Ipana, mais pachorronto do que ele, que todas as burras suporte, sem a menor irritação? Pois se há—é mau sinal. E' que corre o risco eminente do custo da vida ir mais uma vez agravar-se...

### Ele, sempre ele...

Atira *O Mundo* foguetes de efeito e estrondo, por a refinação dos arsenais, há dias havia na Caixa Económica Operária, ter decorrido numa ordem serena e inalterável. Até aqui está certo. Se nós não rejuvilamos, como *O Mundo*, é por termos assistido a muitas reuniões operárias que decorrem com serena elevação. Mas, *O Mundo* rejuvile como pretexto para descarregar aguçado insulto sobre os militantes operários, arguindo-os de berradores inconscientes. Esquece-se porém que os oradores da reunião elogiada, estão integrados no movimento operário—desse movimento operário tantas vezes insultado por esse jornal que assim muitas vezes alvejou de meneurs inconscientes os homens que ontem elogia.

Em se chegando à altura da lógica é sempre a mesma desgraça. *O Mundo* diminui-se, concentra-se, bifurca-se, até se transformar num bôco sem saída, infecto e deletério.

## EM ÉVORA

## O HOSPITAL E A CASA PIA VOTADAS AO ABANDONO

O povo daquela cidade alentejana manifesta-se com energia contra a incúria dos poderes públicos

Na segunda-feira a paralisação de protesto foi grandiosa e absoluta

Mantem-se latente a agitação entre a população de Évora contra a falta de providências do governo em relação ao Hospital da Misericórdia e Casa Pia, que, como por várias vezes temos dito, serão obrigados a fechar as suas portas por falta de recursos.

No domingo à noite houve uma grande sessão nos Paços do Concelho, sendo dado conhecimento ao povo ali reunido do telegrama enviado pelo Conselho de Administração dos Seguros Sociais relativo a um subsídio de 50.000\$000, assim como de 20.000\$000 do Senado Municipal de Évora, e, se possível for, mais 5.000\$000.

Estas importâncias não satisfizeram a assembleia, pois não chegam para pagar os débitos daqueles estabelecimentos.

Por alguns parlamentares que se encontravam na sessão, foi dado conhecimento ao assunto seria tratado no parlamento logo que o mesmo reabrisse.

Apesar, porém, de todas estas promessas, a comissão de assistência ao Hospital e Casa Pia não mais descurará o assunto sem que justiça seja feita a essas casas de beneficência.

Na segunda-feira, conforme deliberações anteriormente tomadas, a paralisação em todas as indústrias e comércio foi completa em sinal de protesto contra a falta de providências.

Não há memória de naquela cidade se ter efectuado uma manifestação como esta. Toda a gente de Évora, das mais variadas opiniões, está disposta a fazer valer as suas reclamações, que são justas e humanas.

Só isto não o compreendem aqueles que tem o dever de zelar pelos interesses da população.

Houve uma nova sessão, que foi imponente. nos Paços do Concelho. As

ulas estavam repletas, sendo a grande maioria do povo obrigada a conservar-se na rua em virtude de não ser possível entrar no edifício da Câmara.

Fizeram uso da palavra vários oradores, resolvendo-se que a paralisação não fosse além de 24 horas.

Depois de encerrada a sessão, o povo acompanhou as comissões políticas a depôr o seu mandato, como tinha sido deliberado anteriormente.

E até hoje nada mais fez o governo ou as entidades competentes para evitar que sejam encerrados os dois principais estabelecimentos de beneficência de Évora.

Os 50.000\$000 não chegam, como se verifica, para a liquidação das dividas em atraso, e o Hospital e Casa Pia necessitam de 300.000\$000.

Strá indispensável reparar, que é toda a população de Évora, sem excepção, que reclama.

E' uma população que se impõe e luta pelos seus direitos.

## AO GRANDE PASSEIO

do dia 7 de Outubro a

## SETÚBAL

Ninguém deve faltar

Bela excursão cheia de atractivos que se fará acompanhar da Banda da Sociedade Filarmónica VERDI

Preço de ida e volta 8\$50

**Verdadeiro sucesso**  
**Peça para famílias**

**O Cabeça de Turco**  
**HOJE às 21,30**  
**NO THEATRO NACIONAL**

**Graça sem pornografia**  
**Grande entusiasmo**

**Teatro São Luís**  
Últimas representações  
da interessante  
mágica  
**O GATO PRETO**  
Preços populares  
GERAL 2\$00

**TEATRO APOLO**  
Ainda esta noite  
se representa  
a emocionante peça  
**As Pupilas do Senhor Reitor**  
A 23 festa artística  
da actriz empregária  
**MARIA MATOS com a peça**  
**RENASCE**

**Teatro Maria Vitória**  
— HOJE —  
Dois espectáculos  
A's 20,45 e 22,45  
pela Companhia infantil  
**LUZO-BRAZILEIRA**  
com a revista  
**ANO NOVO**  
PREÇOS POPULARES  
Terça-feira — reaparição da  
Companhia Macedo com o  
**Fado Corrido**

# Últimas notícias

CONTRA A ORDEM 93

## OS FERROVIÁRIOS DA C. P.

Manifestam-se indignadamente contra a atitude da Companhia e do ministro do Comércio

Realizou-se ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

Realizou-se, ontem, no teatro Gil Vicente, a 23.ª festa artística da actriz empregária Maria Matos com a peça "Renasce".

# O SANATORIO CARLOS DE VASCONCELOS PORTO

As belezas regionais--O desprezo do Estado--O reconhecimento dos direitos humanos--A nobreza duma alma  
A acção profiláctica deste estabelecimento--O altruismo do seu director

Em-nos nesta encantadora região, no tranqüillidade do seu bico, alirados pela implacabilidade duma doença, que há alguns anos nos atormenta.

O rigor do tratamento a que nos sujeitamos não nos fez perder a visão clara dos grandes actos, da pujança enobrecedora da obra incolível duma alma, quando ela tenha aliada ao sentimento de bondade, o elevado cunho do reconhecimento dos direitos humanos.

A fragrança deste belo lugar, em que a Natureza se afirma exuberantemente, embevece o nosso espirito, se quisos de belezas!

O oásis que a nossa admiração contempla, transporta-nos a lugares promissórios, onde a beatitude que veneramos se junte a felicidade dos séres, escamoteada pelo egoísmo humano!

Quem ainda não sentiu a aguda sensação de se perder no prazer bucólico desta região?

Quem ainda não se embriagou na melodia deste castanho, tam fértil em produções poéticas?

Certamente que não viveu um dos melhores momentos da sua vida, tam pesada no seu materialismo!

De toda a pujança que ela encerra uma existe apagada, quando tam grandiosa é.

O Sanatório Carlos de Vasconcelos Porto.

Não que possua exuberância arquitectónica.

Tampouco que o estilo da sua construção ofusque as belezas naturais da região. Não!

O cunho elevado dos seus benefícios merece quiza ser tornados públicos e notórios, a fim de que a sua humana quiza altruista missão se eleve a contemplação do reconhecimento humano, e que a posteridade a receba vivida!

A Batalha, inexorável quanto às injustiças sociais, não nega as suas páginas aos grandes actos, prestando justiça aos grandes homens!

Embora isenta de convenções em cômodos, todavia não os nega quando merecedores.

No caso presente, a Batalha cumpre apenas o seu dever prestando humana justiça a um grande acto, quasi obscuro, embora ardente de fulguração.

Uma obra merecedora de aplauso

A assistência que o Estado presta aos seus servidores vem sendo fustigada nestas columnas, em mil e um caso. O ostracismo a que os mesmos são lançados, quando inabilitados por uma doença, tem-nos merecido uma crítica percutiente, uma censura impiedosa.

As condições miseráveis, no aspecto económico, dos trabalhadores, são a causa directa da tuberculose que ceifa tantas vítimas, só por não possuírem condições de tratamento.

Várias sumidades médicas tem afirmado:

«A tuberculose é de todas as doenças crónicas a mais curável». (Grancher)

«O que se torna mister é declarar o diagnóstico oportunamente». (Alberto de Sousa)

Por consequência, porque não se há de provocar que a mortalidade, originária nesta enfermidade, decresça?

Continuamos a considerar, intimamente ligado o problema económico ao problema fisiológico.

Enquanto subsistirem as actuais condições económicas, subsistirão as suas trágicas consequências, e a tuberculose em sua impiedosa tarefa levará centenas de vidas.

No entanto, tudo quanto se faça no sentido profilático de combater, sensibiliba-nos.

É o que sucede com o Sanatório Carlos de Vasconcelos Porto, a que nos vimos reportando.

Eis a sua história admirável.

Um exame retrospectivo

No pessoal superior dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, onde tanta unidade impera, a contrastar existe uma alma cândida, um coração que sofre as dores alheias: é o sr. Carlos de Vasconcelos Porto, chefe dos Serviços de Fiscalização e Estatística.

Há largos anos que a sua preocupação consistia em prodigalizar ao pessoal daquela corporação e do Minho e Douro os meios de combater a terrível

doença que o implacável bacilo de Koch tantas vítimas causa.

Procurando o apoio do Estado, entidade cujo dever lhe assistia, esbarrou logo, com a sua vulgar recusa, que obstinadamente mantinha.

Outro homem de pulso mais fraco veria aqui as suas esperanças diluídas no vácuo. Porém, com uma resignação estoica persistiu na sua atitude, e recorrendo ao auxílio particular viu, até certo ponto, coroada de êxito a sua magnánima missão.

Com um pequeno auxílio do Estado, o seu pensamento via as scintillações da realidade.

Um Sanatório para tratamento dos tuberculosos, ferroviários do Estado ia erigir-se e a sua obra entrava no campo das realidades.

Num lugar denominado Almagens, a três quilómetros da Vila de S. Braz de Alportel e em condições vastas, foi comprada então uma casa, desuportada e fácil adaptação para o Sanatório com uns terrenos contíguos, nas faldas duma colina.

A alguns metros deste local, há muitos anos, um dos maiores fisiologistas, Sousa Martins, numa análise feita, considerou esse lugar como possuindo as melhores condições climáticas da península!

A direcção técnica do Sanatório foi então confiada ao engenheiro director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sr. Abecassis Júnior e ao condutor de Obras Públicas, sr. Eduardo Garrido, já falecido.

Com tal proficiência técnica se houveram que, a despeito da difícil adaptação, em Setembro de 1918, ele estava concluído e pronto a receber os primeiros doentes.

A 8 do aludido mês e ano o ferroviário do Estado viu inaugurar o Sanatório, para o seu tratamento devido aos esforços, persistência e dedicação do sr. Carlos de Vasconcelos Porto.

Por proposta do delegado do pessoal, contrariando os desejos daquele bom coração, aquele estabelecimento recebeu o nome de Sanatório «Carlos de Vasconcelos Porto».

Foi uma festa simples, mas tocante. O sentimento burguês não encontrou ali campo para as suas espalhafatosas exhibições, de filantropia.

Não foi o Estado que ergueu aquela obra, indo ao encontro duma necessidade, foi um nobre coração que, vivendo o sofrimento da pleiade que produz, lhe reconheceu o direito de ser assistido nas horas cruciantes da doença!

A sua modestia, aliada a bonomia que tanto o caracteriza, tornou-o ainda mais convicto de que não estava completa a sua obra.

A manutenção do Sanatório era outra preocupação. O Estado não a garantia.

Foi mister de novo o próprio patrão do Sanatório recorrer ao auxílio particular, auxiliado por uma cotização voluntária do pessoal também.

Hoje, felizmente, mercê duma sobre-taxa de cinco centavos em cada bilhete e remessa nos Caminhos de Ferro do Estado e da cotização do pessoal, o Sanatório já possui condições de estabilidade, podendo satisfazer os encargos inerentes à manutenção dos internados.

A capacidade do Sanatório e as condições de admissão dos seus doentes

É, embora incompleto, um estabelecimento digno de ser visto e analisado. Ali também tivemos guarida, mas externamente devido à solicitude do seu director clínico, o dr. sr. Alberto de Sousa, um sacerdote em medicina.

Uma porta ampla, dá-lhe acesso. Duas altas florestas, dois vãos, deparamos de logo.

Alguns metros percorridos, antes de galgarmos um lance de degraus, à esquerda, uma porta, transporta-nos ao refectório. É uma casa ampla, com ventilação abundante. Cinco mesas, para vinte lugares, dois aparadores, é a mobília que o guarnece. Sobre as mesas, dentro duma bóia de pano, preservadas, encontram-se os guardanapos, e também «Fibrocálcina» em compridos. Uma outra mesa, para os gerentes e enfermeira diferencia-se das restantes.

Transportámos os degraus que ligam a entrada a um extenso corredor, e eis-nos no laboratório, contíguo ao consultório, tendo apenas a dividi-lo uma parede que fecha em arcada.

No laboratório, a enfermeira, a sr. D. Augusta Pita Lomelino, injectava «Dinamo» num doente, que recebia a agulha tam fléumticamente, denotando pouco sofrimento.

Uma mesa apenas, e alguns instrumentos cirúrgicos, compunham-o.

No consultório, uma larga secretária, uma vitrina, algumas cadeiras, uma chaise-longue e uma bancada, formam o mobiliário.

Sobre o logar do director e na parede, devidamente emoldurada, a fotografia do patrono do Sanatório, sr. Carlos de Vasconcelos Porto. A esquerda, numa moldura em nogueira espinhada, com guarnecimento de seda (madeira) a figura insinuante do director clínico, completam os adornos do consultório.

O nosso cicerone, em poucas palavras, historia-nos a origem daqueles quadros, solenemente inaugurados:

O primeiro, oferecido pelos doentes e pessoal superior do Sanatório foi inaugurado em 1919 numa festa íntima, mas comovete, recordada com saudade.

O segundo, oferecido também por um grupo de doentes, foi inaugurado em Fevereiro de 1923, numa festa que empolgou de comção todos quantos nela tomaram parte.

Constituiu uma verdadeira apoteose ao venerando dr. Alberto de Sousa, pela sua inextinguível dedicação.

Além do pessoal superior do Sanatório, tomou parte nesta inesquecível manifestação, entre outros, o actual director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sr. Plínio da Silva, que fez as

mais rasgadas afirmações de apoio à entrada a um extenso corredor, e eis-nos no laboratório, contíguo ao consultório, tendo apenas a dividi-lo uma parede que fecha em arcada.

No laboratório, a enfermeira, a sr. D. Augusta Pita Lomelino, injectava «Dinamo» num doente, que recebia a agulha tam fléumticamente, denotando pouco sofrimento.

Uma mesa apenas, e alguns instrumentos cirúrgicos, compunham-o.

No consultório, uma larga secretária, uma vitrina, algumas cadeiras, uma chaise-longue e uma bancada, formam o mobiliário.

Sobre o logar do director e na parede, devidamente emoldurada, a fotografia do patrono do Sanatório, sr. Carlos de Vasconcelos Porto. A esquerda, numa moldura em nogueira espinhada, com guarnecimento de seda (madeira) a figura insinuante do director clínico, completam os adornos do consultório.

O nosso cicerone, em poucas palavras, historia-nos a origem daqueles quadros, solenemente inaugurados:

O primeiro, oferecido pelos doentes e pessoal superior do Sanatório foi inaugurado em 1919 numa festa íntima, mas comovete, recordada com saudade.

O segundo, oferecido também por um grupo de doentes, foi inaugurado em Fevereiro de 1923, numa festa que empolgou de comção todos quantos nela tomaram parte.

Constituiu uma verdadeira apoteose ao venerando dr. Alberto de Sousa, pela sua inextinguível dedicação.

Além do pessoal superior do Sanatório, tomou parte nesta inesquecível manifestação, entre outros, o actual director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sr. Plínio da Silva, que fez as

mais rasgadas afirmações de apoio à entrada a um extenso corredor, e eis-nos no laboratório, contíguo ao consultório, tendo apenas a dividi-lo uma parede que fecha em arcada.

No laboratório, a enfermeira, a sr. D. Augusta Pita Lomelino, injectava «Dinamo» num doente, que recebia a agulha tam fléumticamente, denotando pouco sofrimento.

Uma mesa apenas, e alguns instrumentos cirúrgicos, compunham-o.

No consultório, uma larga secretária, uma vitrina, algumas cadeiras, uma chaise-longue e uma bancada, formam o mobiliário.

Sobre o logar do director e na parede, devidamente emoldurada, a fotografia do patrono do Sanatório, sr. Carlos de Vasconcelos Porto. A esquerda, numa moldura em nogueira espinhada, com guarnecimento de seda (madeira) a figura insinuante do director clínico, completam os adornos do consultório.

O nosso cicerone, em poucas palavras, historia-nos a origem daqueles quadros, solenemente inaugurados:

O primeiro, oferecido pelos doentes e pessoal superior do Sanatório foi inaugurado em 1919 numa festa íntima, mas comovete, recordada com saudade.

O segundo, oferecido também por um grupo de doentes, foi inaugurado em Fevereiro de 1923, numa festa que empolgou de comção todos quantos nela tomaram parte.

Constituiu uma verdadeira apoteose ao venerando dr. Alberto de Sousa, pela sua inextinguível dedicação.

Além do pessoal superior do Sanatório, tomou parte nesta inesquecível manifestação, entre outros, o actual director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sr. Plínio da Silva, que fez as

mais rasgadas afirmações de apoio à entrada a um extenso corredor, e eis-nos no laboratório, contíguo ao consultório, tendo apenas a dividi-lo uma parede que fecha em arcada.

No laboratório, a enfermeira, a sr. D. Augusta Pita Lomelino, injectava «Dinamo» num doente, que recebia a agulha tam fléumticamente, denotando pouco sofrimento.

Uma mesa apenas, e alguns instrumentos cirúrgicos, compunham-o.

No consultório, uma larga secretária, uma vitrina, algumas cadeiras, uma chaise-longue e uma bancada, formam o mobiliário.

Sobre o logar do director e na parede, devidamente emoldurada, a fotografia do patrono do Sanatório, sr. Carlos de Vasconcelos Porto. A esquerda, numa moldura em nogueira espinhada, com guarnecimento de seda (madeira) a figura insinuante do director clínico, completam os adornos do consultório.

O nosso cicerone, em poucas palavras, historia-nos a origem daqueles quadros, solenemente inaugurados:

O primeiro, oferecido pelos doentes e pessoal superior do Sanatório foi inaugurado em 1919 numa festa íntima, mas comovete, recordada com saudade.

O segundo, oferecido também por um grupo de doentes, foi inaugurado em Fevereiro de 1923, numa festa que empolgou de comção todos quantos nela tomaram parte.

Constituiu uma verdadeira apoteose ao venerando dr. Alberto de Sousa, pela sua inextinguível dedicação.

Além do pessoal superior do Sanatório, tomou parte nesta inesquecível manifestação, entre outros, o actual director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sr. Plínio da Silva, que fez as

mais rasgadas afirmações de apoio à entrada a um extenso corredor, e eis-nos no laboratório, contíguo ao consultório, tendo apenas a dividi-lo uma parede que fecha em arcada.

No laboratório, a enfermeira, a sr. D. Augusta Pita Lomelino, injectava «Dinamo» num doente, que recebia a agulha tam fléumticamente, denotando pouco sofrimento.

Uma mesa apenas, e alguns instrumentos cirúrgicos, compunham-o.

No consultório, uma larga secretária, uma vitrina, algumas cadeiras, uma chaise-longue e uma bancada, formam o mobiliário.

Sobre o logar do director e na parede, devidamente emoldurada, a fotografia do patrono do Sanatório, sr. Carlos de Vasconcelos Porto. A esquerda, numa moldura em nogueira espinhada, com guarnecimento de seda (madeira) a figura insinuante do director clínico, completam os adornos do consultório.

O nosso cicerone, em poucas palavras, historia-nos a origem daqueles quadros, solenemente inaugurados:

O primeiro, oferecido pelos doentes e pessoal superior do Sanatório foi inaugurado em 1919 numa festa íntima, mas comovete, recordada com saudade.

O segundo, oferecido também por um grupo de doentes, foi inaugurado em Fevereiro de 1923, numa festa que empolgou de comção todos quantos nela tomaram parte.

Constituiu uma verdadeira apoteose ao venerando dr. Alberto de Sousa, pela sua inextinguível dedicação.

Além do pessoal superior do Sanatório, tomou parte nesta inesquecível manifestação, entre outros, o actual director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sr. Plínio da Silva, que fez as

mais rasgadas afirmações de apoio à entrada a um extenso corredor, e eis-nos no laboratório, contíguo ao consultório, tendo apenas a dividi-lo uma parede que fecha em arcada.

No laboratório, a enfermeira, a sr. D. Augusta Pita Lomelino, injectava «Dinamo» num doente, que recebia a agulha tam fléumticamente, denotando pouco sofrimento.

Uma mesa apenas, e alguns instrumentos cirúrgicos, compunham-o.

No consultório, uma larga secretária, uma vitrina, algumas cadeiras, uma chaise-longue e uma bancada, formam o mobiliário.

Sobre o logar do director e na parede, devidamente emoldurada, a fotografia do patrono do Sanatório, sr. Carlos de Vasconcelos Porto. A esquerda, numa moldura em nogueira espinhada, com guarnecimento de seda (madeira) a figura insinuante do director clínico, completam os adornos do consultório.

O nosso cicerone, em poucas palavras, historia-nos a origem daqueles quadros, solenemente inaugurados:

O primeiro, oferecido pelos doentes e pessoal superior do Sanatório foi inaugurado em 1919 numa festa íntima, mas comovete, recordada com saudade.

O segundo, oferecido também por um grupo de doentes, foi inaugurado em Fevereiro de 1923, numa festa que empolgou de comção todos quantos nela tomaram parte.

Constituiu uma verdadeira apoteose ao venerando dr. Alberto de Sousa, pela sua inextinguível dedicação.

Além do pessoal superior do Sanatório, tomou parte nesta inesquecível manifestação, entre outros, o actual director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sr. Plínio da Silva, que fez as

mais rasgadas afirmações de apoio à entrada a um extenso corredor, e eis-nos no laboratório, contíguo ao consultório, tendo apenas a dividi-lo uma parede que fecha em arcada.

No laboratório, a enfermeira, a sr. D. Augusta Pita Lomelino, injectava «Dinamo» num doente, que recebia a agulha tam fléumticamente, denotando pouco sofrimento.

Uma mesa apenas, e alguns instrumentos cirúrgicos, compunham-o.

No consultório, uma larga secretária, uma vitrina, algumas cadeiras, uma chaise-longue e uma bancada, formam o mobiliário.

Sobre o logar do director e na parede, devidamente emoldurada, a fotografia do patrono do Sanatório, sr. Carlos de Vasconcelos Porto. A esquerda, numa moldura em nogueira espinhada, com guarnecimento de seda (madeira) a figura insinuante do director clínico, completam os adornos do consultório.

O nosso cicerone, em poucas palavras, historia-nos a origem daqueles quadros, solenemente inaugurados:

O primeiro, oferecido pelos doentes e pessoal superior do Sanatório foi inaugurado em 1919 numa festa íntima, mas comovete, recordada com saudade.

O segundo, oferecido também por um grupo de doentes, foi inaugurado em Fevereiro de 1923, numa festa que empolgou de comção todos quantos nela tomaram parte.

Constituiu uma verdadeira apoteose ao venerando dr. Alberto de Sousa, pela sua inextinguível dedicação.

Além do pessoal superior do Sanatório, tomou parte nesta inesquecível manifestação, entre outros, o actual director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sr. Plínio da Silva, que fez as

mais rasgadas afirmações de apoio à entrada a um extenso corredor, e eis-nos no laboratório, contíguo ao consultório, tendo apenas a dividi-lo uma parede que fecha em arcada.

No laboratório, a enfermeira, a sr. D. Augusta Pita Lomelino, injectava «Dinamo» num doente, que recebia a agulha tam fléumticamente, denotando pouco sofrimento.

Uma mesa apenas, e alguns instrumentos cirúrgicos, compunham-o.

No consultório, uma larga secretária, uma vitrina, algumas cadeiras, uma chaise-longue e uma bancada, formam o mobiliário.

Sobre o logar do director e na parede, devidamente emoldurada, a fotografia do patrono do Sanatório, sr. Carlos de Vasconcelos Porto. A esquerda, numa moldura em nogueira espinhada, com guarnecimento de seda (madeira) a figura insinuante do director clínico, completam os adornos do consultório.

O nosso cicerone, em poucas palavras, historia-nos a origem daqueles quadros, solenemente inaugurados:

O primeiro, oferecido pelos doentes e pessoal superior do Sanatório foi inaugurado em 1919 numa festa íntima, mas comovete, recordada com saudade.

O segundo, oferecido também por um grupo de doentes, foi inaugurado em Fevereiro de 1923, numa festa que empolgou de comção todos quantos nela tomaram parte.

Constituiu uma verdadeira apoteose ao venerando dr. Alberto de Sousa, pela sua inextinguível dedicação.

Além do pessoal superior do Sanatório, tomou parte nesta inesquecível manifestação, entre outros, o actual director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sr. Plínio da Silva, que fez as

mais rasgadas afirmações de apoio à entrada a um extenso corredor, e eis-nos no laboratório, contíguo ao consultório, tendo apenas a dividi-lo uma parede que fecha em arcada.

No laboratório, a enfermeira, a sr. D. Augusta Pita Lomelino, injectava «Dinamo» num doente, que recebia a agulha tam fléumticamente, denotando pouco sofrimento.

Uma mesa apenas, e alguns instrumentos cirúrgicos, compunham-o.

No consultório, uma larga secretária, uma vitrina, algumas cadeiras, uma chaise-longue e uma bancada, formam o mobiliário.

Sobre o logar do director e na parede, devidamente emoldurada, a fotografia do patrono do Sanatório, sr. Carlos de Vasconcelos Porto. A esquerda, numa moldura em nogueira espinhada, com guarnecimento de seda (madeira) a figura insinuante do director clínico, completam os adornos do consultório.

O nosso cicerone, em poucas palavras, historia-nos a origem daqueles quadros, solenemente inaugurados:

O primeiro, oferecido pelos doentes e pessoal superior do Sanatório foi inaugurado em 1919 numa festa íntima, mas comovete, recordada com saudade.

O segundo, oferecido também por um grupo de doentes, foi inaugurado em Fevereiro de 1923, numa festa que empolgou de comção todos quantos nela tomaram parte.

Constituiu uma verdadeira apoteose ao venerando dr. Alberto de Sousa, pela sua inextinguível dedicação.

Além do pessoal superior do Sanatório, tomou parte nesta inesquecível manifestação, entre outros, o actual director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sr. Plínio da Silva, que fez as

mais rasgadas afirmações de apoio à entrada a um extenso corredor, e eis-nos no laboratório, contíguo ao consultório, tendo apenas a dividi-lo uma parede que fecha em arcada.

No laboratório, a enfermeira, a sr. D. Augusta Pita Lomelino, injectava «Dinamo» num doente, que recebia a agulha tam fléumticamente, denotando pouco sofrimento.

Uma mesa apenas, e alguns instrumentos cirúrgicos, compunham-o.

No consultório, uma larga secretária, uma vitrina, algumas cadeiras, uma chaise-longue e uma bancada, formam o mobiliário.

Sobre o logar do director e na parede, devidamente emoldurada, a fotografia do patrono do Sanatório, sr. Carlos de Vasconcelos Porto. A esquerda, numa moldura em nogueira espinhada, com guarnecimento de seda (madeira) a figura insinuante do director clínico, completam os adornos do consultório.

O nosso cicerone, em poucas palavras, historia-nos a origem daqueles quadros, solenemente inaugurados:

O primeiro, oferecido pelos doentes e pessoal superior do Sanatório foi inaugurado em 1919 numa festa íntima, mas comovete, recordada com saudade.

O segundo, oferecido também por um grupo de doentes, foi inaugurado em Fevereiro de 1923, numa festa que empolgou de comção todos quantos nela tomaram parte.

Constituiu uma verdadeira apoteose ao venerando dr. Alberto de Sousa, pela sua inextinguível dedicação.

Além do pessoal superior do Sanatório, tomou parte nesta inesquecível manifestação, entre outros, o actual director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sr. Plínio da Silva, que fez as

mais rasgadas afirmações de apoio à entrada a um extenso corredor, e eis-nos no laboratório, contíguo ao consultório, tendo apenas a dividi-lo uma parede que fecha em arcada.

No laboratório, a enfermeira, a sr. D. Augusta Pita Lomelino, injectava «Dinamo» num doente, que recebia a agulha tam fléumticamente, denotando pouco sofrimento.

Uma mesa apenas, e alguns instrumentos cirúrgicos, compunham-o.

No consultório, uma larga secretária, uma vitrina, algumas cadeiras, uma chaise-longue e uma bancada, formam o mobiliário.

Sobre o logar do director e na parede, devidamente emoldurada, a fotografia do patrono do Sanatório, sr. Carlos de Vasconcelos Porto. A esquerda, numa moldura em nogueira espinhada, com guarnecimento de seda (madeira) a figura insinuante do director clínico, completam os adornos do consultório.

O nosso cicerone, em poucas palavras, historia-nos a origem daqueles quadros, solenemente inaugurados:

O primeiro, oferecido pelos doentes e pessoal superior do Sanatório foi inaugurado em 1919 numa festa íntima, mas comovete, recordada com saudade.

O segundo, oferecido também por um grupo de doentes, foi inaugurado em Fevereiro de 1923, numa festa que empolgou de comção todos quantos nela tomaram parte.

Constituiu uma verdadeira apoteose ao venerando dr. Alberto de Sousa, pela sua inextinguível dedicação.

Além do pessoal superior do Sanatório, tomou parte nesta inesquecível manifestação, entre outros, o actual director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sr. Plínio da Silva, que fez as

mais rasgadas afirmações de apoio à entrada a um extenso corredor, e eis-nos no laboratório, contíguo ao consultório, tendo apenas a dividi-lo uma parede que fecha em arcada.

No laboratório, a enfermeira, a sr. D. Augusta Pita Lomelino, injectava «Dinamo» num doente, que recebia a agulha tam fléumticamente, denotando pouco sofrimento.

Uma mesa apenas, e alguns instrumentos cirúrgicos, compunham-o.

No consultório, uma larga secretária, uma vitrina, algumas cadeiras, uma chaise-longue e uma bancada, formam o mobiliário.

Sobre o logar do director e na parede, devidamente emoldurada, a fotografia do patrono do Sanatório, sr. Carlos de Vasconcelos Porto. A esquerda, numa moldura em nogueira espinhada, com guarnecimento de seda (madeira) a figura insinuante do director clínico, completam os adornos do consultório.

O nosso cicerone, em poucas palavras, historia-nos a origem daqueles quadros, solenemente inaugurados:

